

Leia o Texto 1, retirado do catálogo da 32ª Bienal de Arte de São Paulo:

Texto 1: Arte porque sim

Júlia Rebouças

Na tarde de 5 de novembro de 2015 uma barragem de rejeitos de mineração de ferro rompeu no município de Mariana, Minas Gerais, despejando cerca de sessenta milhões de metros cúbicos de lama e metais pesados em seiscentos e sessenta e três quilômetros de extensão do rio Doce, que deságua no oceano Atlântico. O volume de lama divulgado é contestado pela empresa responsável, assim como a toxicidade do material. Registram-se índices de chumbo, arsênio e manganês acima de níveis seguros para o ecossistema. De acordo com o Ministério Público de Minas Gerais, condicionantes do licenciamento ambiental da barragem estavam sendo desrespeitadas, sem que houvesse a devida fiscalização, o que incluía um plano de emergência que poderia ter evitado a morte de dezessete pessoas e a total destruição do vilarejo de Bento Rodrigues. O território dos indígenas krenak, no vale do rio Doce, é totalmente destruído pela contaminação da lama. Não há mais possibilidade de pesca, plantio ou criação de animais. Sagrado para os Krenak, o rio é a entidade Watú – avô – por sua importância, grandiosidade e pelo respeito que emana. Hoje uma cerca separa as pessoas da margem intoxicada e infértil. Os rios somos nós todos, seres de água. Cada criança que nasce é uma nascente. [...] A cantora Elza Soares vem a público e entoia o fim do mundo. [...] Elza canta para não enlouquecer, diz. Sua carreira começou num show de calouros na televisão, aos treze anos, a fim de levantar dinheiro para comprar remédios para seu filho recém-nascido. Diante de seu corpo negro, franzino, vestido com trajes risíveis para a plateia domingueira, ouviu do apresentador Ary Barroso a pergunta debochada de que planeta ela tinha vindo. Elza respondeu que vinha do planeta fome. Em dezembro de 2015, sábado à noite, cinco jovens negros estavam num carro na Zona Norte do Rio de Janeiro quando foram executados por policiais com cento e onze tiros de fuzil e revólver. Os policiais fraudam a cena do crime e forjam um auto de resistência. Extinção, especulamos sobre essa ameaça, que já é iminência. Como fazer brotar do solo humilhado, como abrir frestas para novas formas de vida? O amanhã está aqui e se parece com ontem. [...] O xamã yanomami Davi Kopenawa trabalha com o etnólogo Bruce Albert para *desenhar na pele do papel* registros da cosmologia de seu povo. Narra sua história, que não é de um indivíduo, mas de um coletivo, com seus conhecimentos, narrativas, profecias. A história dos Yanomami, transmitida por meio de sonhos, chega na forma de um livro que escapa aos gêneros e às disciplinas do saber hegemônico ocidental. Generosamente, olha para nós, sujeitos do alheamento, e nos explica que *a terra dos antigos brancos era parecida com a nossa. Lá eram tão poucos quanto nós agora na floresta. Mas seu pensamento foi se perdendo cada vez mais numa trilha escura e emaranhada* [...] *Puseram-se a desejar o metal mais sólido e mais cortante, que ele [Omama] tinha escondido debaixo da terra e das águas. Aí começaram a arrancar o minério do solo com voracidade. Construíram fábricas para cozê-los e fabricar mercadorias em grande quantidade. Então, seu pensamento cravou-se nelas e eles se apaixonaram por esses objetos como se fossem belas mulheres. Isso os fez esquecer a beleza da floresta* [...] *E, assim, as palavras das mercadorias e do*

dinheiro espalharam-se por toda a terra de seus ancestrais. É o meu pensamento. Antes de o ano acabar, um menino kaingang de dois anos é degolado no colo da mãe por um homem que se aproximou lhe fazendo um afago. Um país na vertigem do presente. [...] A arte vai à frente, as instituições vão atrás. Realizar a Bienal de São Paulo que se assenta em 2016 compreende o exercício de pensar, sempre e mais uma vez, no que pode a arte. Ou para que arte, ou para quem? [...] Os estudantes secundaristas ocupam suas escolas. A demanda é educação de qualidade e repúdio ao sucateamento do ensino público. Denunciam o desvio de verba que seria usada para a compra de merenda escolar. Merenda escolar. [...] A polícia se chama choque e arranca os estudantes da escola. As mulheres ocupam. Na caminhada, um cordão de frente de mães que carregam seus bebês. A polícia se chama choque e acompanha o cortejo como se fosse um bicho esfomeado e açoitado, prestes a atacar. Os corpos das mulheres têm marcas de tinta da cor vermelha. A televisão da padaria transmite o debate num programa matutino. Os especialistas discutem se é estupro ou não o caso de uma jovem de dezesseis anos violentada por trinta e três homens. Vídeos com cenas do ocorrido viralizam nas redes sociais. Não há tinta vermelha suficiente para representar tanto sangue. [...] Junho de 2016, dois meninos, um de dez e outro de onze anos, furtam um carro em um bairro nobre de São Paulo. Perseguidos, o de dez anos, que dirige o automóvel, é morto pela polícia militar. Dez anos. É feito um auto de resistência – o menino teria atentado contra a polícia. Os moradores do bairro nobre juntam-se para contratar advogados e defender os policiais em caso de processo. [...] Uma semana antes de chegar junho, tem-se a notícia de que pelo menos oitocentos e oitenta imigrantes afogaram-se no mar Mediterrâneo tentando chegar ao continente europeu. Uma boate frequentada pela comunidade gay de Orlando, na Flórida, é invadida por um atirador que mata cinquenta pessoas. [...] Como forjar imagens grávidas, palavras-sementes, formas mutantes. A necessidade da arte. O povo Aymará dos Andes chilenos diz que o futuro está em nossas costas, incógnito, enquanto o passado está na nossa frente, diante de nossos olhos. [...] Um artista de mãos dadas a um pajé tukano, soprando uma nuvem, pousados sobre o centro geodésico da América do Sul. Hoje é dia 14 de junho de 2016.

REBOUÇAS, Júlia. Arte porque sim. VOLZ, J.; REBOUÇAS, J. (Org.) 32^a *Bienal de São Paulo: Incerteza Viva: Catálogo*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

1. A partir de elementos retirados do texto, explique o título (“Arte porque sim”), esclarecendo o fato de “porque” ali ser escrito desta forma.

"Arte porque sim" propõe uma afirmação e valorização da arte. Através de frases tais como "Elza canta para não enlouquecer" e "A arte vai à frente, as instituições vão atrás", a autora busca qualificar a arte como possível resposta para os problemas sociais apontados no texto, a conjunção explicativa "porque" acentua esse caráter de resposta que se vê apontada desde o título.

2. Releia os seguintes trechos:

Na tarde de 5 de novembro de 2015 uma barragem de rejeitos de mineração de ferro rompeu no município de Mariana, Minas Gerais, despejando cerca de sessenta milhões de metros cúbicos de lama e metais pesados em seiscentos e sessenta e três quilômetros de extensão do rio Doce, que deságua no oceano Atlântico.

Em dezembro de 2015, sábado à noite, cinco jovens negros estavam num carro na Zona Norte do Rio de Janeiro quando foram executados por policiais com cento e onze tiros de fuzil e revólver. Os policiais fraudam a cena do crime e forjam um auto de resistência.

Esses são dois de vários outros exemplos de fatos recentes ocorridos no Brasil. Qual é a ligação entre eles que levou a autora a reuni-los?

A autora mencionou diversos fatos trágicos em seu texto – que chocaram o Brasil e o mundo e tiveram grande repercussão – de modo a revelar o estado de caos e crise pelo qual passa a sociedade, em que as pessoas e seus direitos não são devidamente respeitados, imperando valores capitalistas. A partir de então, ela defende o papel da arte, como possibilidade de ajudar-nos a lidar com as tristezas e as mazelas de nosso cotidiano.

3. No Texto 1, a autora mistura discurso direto e indireto. Retire do texto um caso de discurso indireto e transforme-o em um discurso direto.

Um dos vários casos de discurso indireto no texto 1 é: “Elza canta para não enlouquecer, diz”. Transformando-o em discurso direto, temos: “Canto para não enlouquecer”, diz Elza.

Leia o Texto 2, um fragmento da peça “Se eu fosse Iracema”, de Fernando Marques:

A história do homem branco é história.

A ciência do homem branco é ciência.

A religião do homem branco é religião.

A arte do homem branco é arte.

A filosofia do homem branco é filosofia.

E a história de qualquer outro homem é folclore,

é caso,

é mentira,

é bobagem,

é superstição,

é lenda,

é enredo de escola de samba,

é poesia de livro didático.

Só o homem branco sabe,

Só o homem branco sobe,

Só o homem branco salva,

Os outros homens: selva.

4. Relacione o Texto 2 ao seguinte trecho retirado do Texto 1:

A história dos Yanomami, transmitida por meio de sonhos, chega na forma de um livro que escapa aos gêneros e às disciplinas do saber hegemônico ocidental.

O trecho do Texto 1, ao dizer que o livro de história dos Yanomami "escapa aos gêneros e às disciplinas do saber hegemônico ocidental", exemplifica aquilo que é criticado pelo Texto 2: o etnocentrismo do homem branco ocidental e seu preconceito contra os saberes de outras etnias, em especial a indígena.

5. Releia o seguinte trecho:

A filosofia do homem branco é filosofia.
E a história de qualquer outro homem é folclore.

Substitua a conjunção "e" por outra que não altere fundamentalmente o sentido do trecho destacado.

Poderíamos substituir a conjunção "e" por uma conjunção adversativa tal como "mas" por explicitar a relação de oposição entre as duas orações (evidenciando assim a falsa superioridade do homem branco sobre os demais).